

TURCOCRACIA

A maioria das áreas que hoje estão dentro das fronteiras da Grécia moderna foram em algum ponto do passado do Império Otomano. Este período de domínio otomano na Grécia, que durou de meados do século XV até a bem-sucedida Guerra da Independência Grega que eclodiu em 1821 e a proclamação da Primeira República Helênica em 1822, é conhecido em grego como: Τουρκοκρατία - "Turkocracia"). Algumas regiões, no entanto, como as ilhas jônicas, o Peloponeso, não se tornaram parte da administração otomana, embora esta última estivesse sob suserania otomana.

O avanço otomano na Grécia foi precedido pela vitória sobre os sérvios ao norte, em 1371. Sem mais ameaças dos sérvios e das subsequentes guerras civis bizantinas, os otomanos sitiaram e tomaram Constantinopla em 1453 e depois avançaram para o sul na Grécia, capturando Atenas em 1458. As montanhas da Grécia eram praticamente intocadas e eram um refúgio para os gregos que desejavam fugir do domínio otomano e se envolver em guerras de guerrilha.

A Grécia otomana era uma sociedade multiétnica. Os gregos receberam alguns privilégios e liberdade, mas também estavam sofrendo com as más práticas de seu pessoal administrativo sobre o qual o governo central tinha apenas controle remoto e incompleto. Apesar de perder sua independência política, os gregos permaneceram dominantes nas áreas de comércio e negócios. A consolidação do poder otomano nos séculos XV e XVI tornou o Mediterrâneo seguro para a navegação grega, e os armadores gregos tornaram-se os transportadores marítimos do Império, obtendo enormes lucros.

Este período de domínio otomano teve um profundo impacto na sociedade grega, à medida que novas elites surgiram. A aristocracia latifundiária grega que tradicionalmente dominava o Império Bizantino sofreu um destino trágico e foi quase completamente destruída. A nova classe dirigente na Grécia otomana eram os πρόκριτοι. Os prokritoi eram essencialmente burocratas e cobradores de impostos, e ganharam uma reputação negativa de corrupção e nepotismo. Por outro lado, os **Fanariotas** tornaram-se proeminentes na capital imperial de Constantinopla como empresários e diplomatas. A Igreja Ortodoxa Grega e o Patriarca Ecumênico obteve grande poder sob a proteção do sultão, ganhando o controle religioso sobre toda a população ortodoxa do Império grego, de língua albanesa, de língua latina e eslava.

Sob o sistema de governo otomano, a sociedade grega foi ao mesmo tempo fomentada e restringida. Por um lado, o regime turco deu privilégios e liberdade ao seu povo súdito; por outro, impôs uma tirania decorrente das más práticas de seu pessoal administrativo, sobre as quais exercia apenas controle remoto e incompleto. Na verdade, os empobrecidos (*rayah*) foram oprimidos e expostos aos caprichos da administração turca. O termo *rayah* passou a denotar uma população desprivilegiada, sobrecarregada de impostos e socialmente inferior.

O sultão considerava o Patriarca Ecumênico da Igreja Ortodoxa Grega como o líder de todos os ortodoxos, gregos ou não, dentro do império. O Patriarca era responsável perante o Sultão pelo bom comportamento da população ortodoxa e, em troca, ele recebia amplos poderes sobre as comunidades ortodoxas, incluindo os povos eslavos não gregos. Algumas cidades gregas, como Atenas e Rodes, mantiveram o autogoverno municipal, enquanto outras foram colocadas sob governadores otomanos.

A Igreja Ortodoxa ajudou muito na preservação da herança grega, e a adesão à fé ortodoxa grega tornou-se cada vez mais uma marca da nacionalidade grega.

Como regra, os otomanos não exigiam que os gregos se tornassem muçulmanos, embora muitos o fizessem em um nível superficial para evitar as dificuldades socioeconômicas do domínio otomano ou por causa da suposta corrupção do clero grego.

As regiões da Grécia que tinham as maiores concentrações de muçulmanos gregos otomanos eram a Macedônia, notadamente Vallaades, a vizinha Épiro e Creta. Sob a lógica do milheto, os muçulmanos gregos, apesar de muitas vezes reterem elementos de sua cultura e língua gregas, foram classificados simplesmente como "muçulmanos", embora a maioria dos ortodoxos gregos. Os cristãos os consideravam "virados turcos" e, portanto, os viam como traidores de suas comunidades etno-religiosas originais.

Alguns gregos tornaram-se novos mártires, como Santo Efraim, o Neo-Mártir ou São Demétrio, o Neo-mártir, enquanto outros se tornaram cripto-cristãos (gregos muçulmanos que eram praticantes secretos da fé ortodoxa grega) para evitar impostos pesados e ao mesmo tempo ao mesmo tempo expressam sua identidade mantendo seus laços secretos com a Igreja Ortodoxa Grega.

Violentas perseguições de cristãos, no entanto, ocorreram sob o reinado de Selim I (1512-1520), conhecido como Selim, o Terrível, que tentou extirpar o cristianismo do Império Otomano. Selim ordenou o confisco de todas as igrejas cristãs e, embora essa ordem tenha sido rescindida posteriormente, os cristãos foram fortemente perseguidos durante sua época.

Bibliografia:

Douglas Dakin. A luta grega pela independência, 1821-1833. Imprensa da Universidade da Califórnia, pág. 16.

Hobsbawm, Eric John. A Era da Revolução. Nova Biblioteca Americana, 1962

Finkel, Caroline. O Sonho de Osman: A História do Império Otomano, 1300-1923. Nova York: Basic Books, 2005.

Jelavich, Bárbara. História dos Balcãs, séculos 18 e 19. Nova York: Cambridge University Press, 1983.

Paroulakis, Peter H. A Guerra da Independência Grega. Hellenic International Press, 1984.

Pinzelli, Eric. Venise et l'Empire Ottoman: Les guerres de Morée (1684-1718). Atenas. 2020

Shaw, Stanford. História do Império Otomano e da Turquia Moderna: Volume I. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

Vacalopoulos, Apostolis. A nação grega, 1453-1669. Rutgers University Press, 1976.